

Carolus na Petite Galerie

No momento atual a pintura dita “abstrata” já de muito se afasta do conceito mondrianiano onde as linhas se separam das cores para que aquelas se organizem em proporções mais simples e puras; se distancia também do conceito de Rohia em que as cores, deixando de servir os objetos para, inversamente, serem servidas por eles, alcançam completa independência; foge igualmente ao ponto de vista de Kandinsky que concebia as linhas como a melodia e as cores como a harmonia de uma música colorida, Kandinsky que conservava uma independência absoluta entre linhas e cores e a estas acompanhava desde a saída dos tubos “vivas, sonoras, meditativas, sonhadoras”; mais afastada se encontra ainda a nova arte “abstrata” das idéias de Klee que teria alcançado na cidade sagrada de Kaiman essa objetividade do homem oriental, força, energia que não cessa e sempre se transforma, já presente na literatura védica.

A pintura “abstrata” de hoje em dia com suas irisações, os efeitos de luz em interferência e difração, com texturas que lembram o exame de lâminas delgadas de rochas através do microscópio polarizante, explora o mais árido e profundo dos realismos que é aquele da estrutura da matéria quando não seja o das paisagens dos mefíticos desvãos da micro-botânica. Nesse farto e exuberante acervo de pesquisas e avaliações há muito trabalho de indiscutível beleza, mas, por trás de toda essa vibração colorida e luminosa se pressente o renascer de um novo *pompierisme* de repercussão talvez mais nefasta do que a daquele contra o qual lutaram os artistas independentes do princípio deste século.

Mas, além dessa nova crise que se prefigura, há, no emprego do abstracionismo, outras intenções também impuras e outros objetivos nem sempre legítimos; tem sido usado como véu através do qual não se possa perceber a construção especial defeituosa, como uma solução para as dificuldades que apresentam certos efeitos de perspectiva aérea, como texturas de cores diversas onde o pintor vacila na escolha de uma delas.

Nos quadros que o pintor italiano Carolus expõe na Petite Galerie, notam-se alguns desses defeitos: ao lado de uma pintura objetiva e serena, de cores bem aplicadas e harmoniosas, surge, às vezes, para atender a uma solução mais apressada, a trama, o tecido de cores, sem perspectiva e sem sombra da interpretação abstrata. Esse duplo tratamento da pintura, essa ambigüidade de processos, além de indicar uma atitude vacilante do pintor diante do tema escolhido, exprime um ato de infidelidade para com a própria arte.

Entretanto, sente-se em Carolus um pintor de qualidades, mas ainda incertas, ainda imaturas, enfim, ainda no campo das possibilidades.